



Faculdade de Ciências da Saúde – FCS  
Curso de Psicologia

## Personalidade no Behaviorismo Radical

Eliane Baptista Schmaltz

Brasília/DF  
Junho de 2005

Eliane Baptista Schmaltz

## Personalidade no Behaviorismo Radical

Monografia apresentada como requisito para a conclusão do curso de Psicologia do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília, sob a orientação do Professor Doutor Carlos Augusto de Medeiros.

Brasília/DF, Junho de 2005

É com muita alegria que agradeço a Deus por me capacitar na elaboração e conclusão desta monografia, etapa final de um grande sonho, como também por ter trazido a mim pessoas especiais que, de maneira única, contribuíram para a sua realização. Carlos Augusto, tenho uma dívida intelectual com você – obrigada pelos momentos de discussão e orientação. Sandra, sua ajuda e carinho foram inestimáveis. Paulo, faltam-me palavras pra agradecer todo seu amor, apoio e paciência durante o tempo de elaboração deste trabalho. Vocês moram em meu coração!

## Sumário

Introdução -----	6
Capítulo I - A Personalidade para Sigmund Freud -----	9
Capítulo II - A Personalidade para Carl Jung -----	12
Capítulo III - A personalidade para Hans Eysenck -----	17
Capítulo IV - A Personalidade para George Kelly -----	21
Capítulo V - A Personalidade para o Behaviorismo Radical (B.F. Skinner)	
§ Princípios Fundamentais -----	25
§ O Sistema Funcionalmente Unificado de Respostas -----	27
Conclusão -----	34
Referências Bibliográficas -----	36

## **Resumo**

A presente monografia apresentou uma visão Behaviorista Radical a respeito da personalidade. Nela, há a descrição de breve contexto histórico sobre as primeiras propostas de abordagem sobre a personalidade, passando pela teoria psicanalítica, na visão de Freud, seguido por Carl Jung, que refere os oito tipos de personalidade dominantes (traços), por Hans Eysenck, que traz um enfoque genético sobre a personalidade e por George Kelly, que refere uma visão cognitivista da personalidade. Ao final, abordou-se a teoria behaviorista radical de B.F. Skinner, que apresentou uma visão funcionalista do comportamento humano através da interação dinâmica entre organismo e meio, definindo a personalidade como um produto desta interação.

## Introdução

O Estudo da personalidade desenvolveu-se à parte da área da psicologia experimental e foi iniciado por médicos franceses, tal como Charcot, que estavam interessados no estudo e no tratamento da personalidade anormal, em especial, da histeria. Este estudo veio como uma tentativa de entender a “natureza do homem” e seus “desvios” de conduta, rotulados como anormais ou psicopatológicos. Entretanto, é possível que a primeira das teorias tenha aparecido cerca de 400 anos a.C., com o médico grego Hipócrates, que propunha tipos de temperamentos baseados nos quatro humores do corpo. Estes, por sua vez, estavam baseados nos quatro elementos cósmicos propostos pelo filósofo grego Empédocles, cerca de 50 anos antes. O relacionamento entre os elementos (terra, ar, fogo e água), suas características (frio e seco, quente e úmido, quente e seco ou frio e úmido) e os humores (bílis preta, sangue, bílis amarela e fleugma) poderiam determinar os seguintes temperamentos: melancólico, sanguíneo, colérico ou fleugmático.

Se os humores estivessem misturados em proporções adequadas, resultaria uma personalidade bem equilibrada. Quando os humores não estivessem equilibrados, o tipo de personalidade tenderia para o humor dominante. Por exemplo, um desequilíbrio de sangue produziria uma pessoa sanguínea (alegre, otimista), enquanto que uma abundância de fleugma produziria uma pessoa fleugmática (calma, impassível). (Lundin, 1977, p. 10).

Desde então, como se observa, vários autores vêm tentando explicar os diferentes tipos de comportamentos, elaborando teorias das mais diversas, na intenção de compreendê-los. Das muitas teorias de personalidade que proliferam na psicologia, grande número usa o conceito de traço e, em muitas dessas teorias, a organização dos traços constitui a personalidade, como será visto adiante ao explanar sobre a teoria de Carl Jung, que introduziu os traços de introversão e extroversão como dimensões da personalidade na psicologia.

Segundo Ferreira (2000), personalidade refere-se ao “caráter ou qualidade do que é pessoal” ou “o que determina a individualidade de uma pessoa moral; o que a distingue de outra” (p.530). Este termo vem da palavra latina *persona* que, originalmente, se refere à máscara teatral utilizada no drama grego. Ampliando-se o conceito, *persona* passou a significar a aparência externa. Assim, a partir de sua origem, conclui-se que a personalidade diz respeito às características externas e visíveis que outras pessoas enxergam nos outros.

Shultz e Shultz (2002) definem personalidade como sendo “os aspectos internos e externos peculiares, relativamente permanentes do caráter de uma pessoa, que influenciam o comportamento em situações diferentes” (p. 9). Pressupõe-se que estes aspectos sejam estáveis e previsíveis podendo, porém, variar conforme as circunstâncias. De acordo com Pervin e John (2004), “o campo da personalidade diz respeito àquilo que é geralmente verdadeiro das pessoas, a *natureza humana*, assim como às diferenças individuais” (p. 23). Ainda em Pervin e John, a personalidade “representa aquelas características da pessoa que explicam padrões consistentes de sentimentos, pensamentos e comportamentos” (p. 23). Esses autores interessam-se pela maneira como os sentimentos, pensamentos e comportamentos se relacionam para formar o indivíduo. Eles sugerem que se tenha atenção a padrões consistentes de comportamento e a qualidades internas da pessoa, que explicam estas regularidades, em oposição, por exemplo, a focar qualidades no ambiente que as expliquem. Uma definição proposta por Norman Cameron, descreve a personalidade como sendo “...a organização dinâmica de sistemas de comportamento interligados, que cada um de nós possui, à medida que evolui de recém-nascido biológico para adulto biossocial em um ambiente de outros indivíduos e produtos culturais” (Lundin, 1977, p.05).

Os estudantes da personalidade interessam-se por aquilo que as pessoas têm de semelhante, assim como pelas maneiras nas quais elas diferem umas das outras. Parecem buscar a pretensiosa tarefa de desenvolver um modelo do funcionamento humano, um método para diferenciar pessoas e, ao mesmo tempo, classificá-las em diferentes categorias. De fato, buscam-se respostas às questões do tipo: “Por que as pessoas são como são?”, “Por que alguns percebem as coisas de uma forma, e outros, de modo diferente?”, “Como posso ser tão diferente de meus irmãos?”, “Por que me

comporto assim?”. Várias teorias de personalidade foram desenvolvidas para tentar esclarecer estas e outras questões. Procuram-se respostas sobre o *quê, como e por que*. Deve-se lembrar, entretanto, ao responder a estes questionamentos, que não se pode evitar a importância da complexidade do comportamento humano e da singularidade de cada indivíduo.

Neste estudo, pretendeu-se discutir a proposta do Behaviorismo Radical de que a personalidade é a resultante da interação dinâmica entre organismo e meio, expressa pelo comportamento individual, frente a estímulos diversos. D’Andrea (2000) descreve que a “personalidade é a resultante psicofísica da interação da hereditariedade com o meio, manifestada através do comportamento cujas características são peculiares a cada pessoa” (p. 10). Assim, os diferentes tipos de comportamento, resultantes das experiências passadas e dos estímulos atuais do meio, determinam o que se conhece por personalidade. Deste modo, ela não pode ser estática ou imutável, pois refere-se ao responder do indivíduo em dado momento, na presença de um estímulo qualquer.

Feitas estas considerações introdutórias e esclarecido o objetivo deste estudo, que é o de apresentar a visão Behaviorista Radical da personalidade, contrastando-a com as abordagens mais tradicionais sobre o assunto, o desenvolvimento deste trabalho contextualizou a discussão acerca da personalidade resgatando algumas das teorias psicológicas mais influentes, iniciando com a psicanálise, segundo Sigmund Freud, seguido pelo enfoque neopsicanalítico de Carl Jung, pela abordagem de traços de Hans Eysenck e, por fim, pela abordagem cognitiva de George Kelly. As teorias destes autores ainda têm grande repercussão nos dias de hoje, sendo utilizadas por vários profissionais. Ao final, procurou-se descrever o conceito de personalidade de maneira clara e objetiva, a partir da proposta Behaviorista Radical de Skinner, contida neste trabalho, a fim de realizar uma reflexão sobre o comportamento humano.



## **Capítulo I**

### **A Personalidade para Sigmund Freud (1856 – 1939)**

Freud, ao se graduar em medicina, realizou pesquisas e trabalhou no campo da neurologia. Em seus estudos sobre o cérebro humano, concluiu que as primeiras estruturas cerebrais persistiam desde o feto até a fase adulta, visão esta que foi posteriormente acompanhada por suas idéias em relação ao desenvolvimento da personalidade. Para ele, a vida psíquica pode ser descrita com relação ao grau em que estamos conscientes dos fenômenos. Ele comparou a mente a um iceberg. Assim, a personalidade é dividida em três níveis: o consciente, o pré-consciente e o inconsciente. O consciente, que seria a ponta deste iceberg, inclui todas as sensações e experiências das quais se tem conhecimento em todos os momentos. “Freud considerava o consciente um aspecto limitado da personalidade, porque há somente uma pequena parte dos nossos pensamentos, sensações e lembranças na consciência todo o tempo” (Shultz & Shultz, 2002, p. 49). Para ele, o mais importante era o inconsciente, a parte maior, invisível e incontrolável, que seria a base do iceberg, escondida abaixo da superfície. O inconsciente é o foco da teoria psicanalítica, onde residem os impulsos instintivos, isto é, os desejos que orientam o comportamento das pessoas. As influências do inconsciente seriam as motivadoras de grande parte do comportamento humano. Os psicanalistas sugerem que o que está no inconsciente pode se manifestar nos comportamentos cotidianos através de atos falhos, acidentes, noções errôneas e comportamentos aparentemente irracionais. Entre o consciente e o inconsciente encontra-se o pré-consciente, que é o depósito de lembranças, percepções e idéias das quais não se tem conhecimento no momento, mas que podem vir facilmente para o consciente.

Posteriormente, Freud desenvolveu um modelo estrutural mais formal para a personalidade, definido pelos conceitos de id, ego e superego. O id seria o aspecto da personalidade relacionado aos instintos, fonte de toda a energia psíquica, estando diretamente relacionado à satisfação das necessidades corporais. Em seu funcionamento, o id busca a liberação da excitação, tensão e energia. Ele opera de

acordo com o princípio do prazer – a busca do prazer e a evitação da dor. “... o id busca a liberação imediata e total. Ele tem as qualidades de uma criança mimada: ele quer o que quer, quando quer. O id não tolera a frustração e está livre de inibições” (Pervin & John, 2001, p. 81). O ego é regido pelo princípio da realidade. Ele é o aspecto racional da personalidade responsável por controlar os instintos. Seu objetivo não é contrariar os impulsos do id, mas ajudá-lo a reduzir sua tensão decidindo de que maneira os instintos podem ser satisfeitos. Ou seja, sua função é expressar e satisfazer os desejos do id de acordo com a realidade e as demandas do superego.

Freud argumentou que precisamos nos proteger de ser controlados pelo id, e propôs, a fim de defender o ego, vários mecanismos de defesa inconscientes contra a ansiedade provocada pelos conflitos da vida diária, tais como a repressão, a negação, a sublimação etc. Entretanto, Freud considerava o ego uma estrutura fraca, que na verdade servia a três senhores – o id, a realidade e o superego. Ele é pressionado pelo superego, pois este representa o aspecto moral da personalidade, a introjeção dos valores e padrões dos pais e da sociedade. O superego funciona para controlar o comportamento, oferecendo recompensas (orgulho, aceitação etc) para o “bom” comportamento e punições (culpa, sentimentos de inferioridade etc) para o “mau” comportamento. O superego busca a perfeição moral, tentando inibir as demandas do id. Para Freud, todas as pessoas são motivadas pelos mesmos impulsos do id, mas ego e superego são estruturas únicas e individuais, com conteúdos diferentes para cada pessoa.

Freud acreditava que os instintos de uma pessoa eram desenvolvidos na infância. Para ele, as experiências da infância eram tão importantes que chegou a dizer que “a personalidade adulta era firmemente moldada e cristalizada no quinto ano de vida” (Shultz & Shultz, 2002, p. 56). O tratamento de histéricos convenceu Freud de que a sedução sexual na infância desempenha um papel importante na etiologia das neuroses. “Muitos de seus pacientes relatavam seduções por babás, pais e cuidadores, e Freud acreditava que as lembranças reprimidas de traumas sexuais reais criavam os sintomas neuróticos” (Kaplan & Sadock, 1999, p. 483). A fonte dos instintos está relacionada a estados de tensão corporal, energias que tendem a se concentrar em certas regiões do corpo, chamadas zonas erógenas. Segundo a teoria psicanalítica,

existe um desenvolvimento e mudanças que são biologicamente determinadas nas principais zonas erógenas do corpo e, em um momento específico, a principal fonte de energia tende a se concentrar em uma zona particular, sendo que a localização dessa zona muda durante os primeiros anos do desenvolvimento. Assim, surgiram os estágios psicosexuais do desenvolvimento, onde a criança obtinha prazer erótico ou sensual ao estimular determinadas zonas erógenas do corpo, a saber: oral (onde a área importante de excitação e energia é a boca), anal (onde há excitação no ânus e no movimento das fezes através do canal anal), fálico (onde a excitação e a tensão passam a se concentrar nos órgãos genitais), latência (onde o impulso sexual é relativamente inativo entre os 5 e 13 anos) e genital (marcado pelo começo da puberdade e pelo redespertar dos desejos sexuais).

O estágio oral é a fonte primária de satisfação erótica através do sugar, morder ou engolir. Se a satisfação nesse estágio for inadequada, isto é, em demasia ou muito escassa, pode-se ter uma pessoa excessivamente preocupada com hábitos bucais como beijar, comer ou fumar, sendo esta classificada como possuidora de um tipo oral de personalidade. Freud acreditava que uma pessoa muito otimista ou cínica tinha uma fixação desta fase. No estágio anal, a criança pode expelir ou reter as fezes como e quando quiser, muitas vezes em desafio aos pais. Isto pode gerar conflitos que resultariam em um tipo de personalidade “expulsiva”, um indivíduo extravagante, por exemplo, ou um tipo de personalidade “retentiva”, exemplificada por um indivíduo muito asseado ou compulsivo. No estágio fálico, há muita manipulação e exibição dos órgãos genitais, bem como as fantasias sexuais. Freud sugeriu que as crianças sentem atração sexual pelos genitores de sexo oposto e temor pelo genitor de mesmo sexo, o que é conhecido pelo Complexo de Édipo. Se a criança não vivenciar o temor pelo genitor de mesmo sexo, isto é, se não houver o medo de ser “castrada”, poderá não desenvolver o superego e prejudicar sua personalidade adulta. Quando atravessam os primeiros estágios psicosexuais, a criança entra na latência, retornando aos desejos sexuais a partir da puberdade, na fase denominada genital. Assim, para Freud, a personalidade é formada, principalmente, na infância, tendo a fase adulta pouca influência em sua determinação. Refere-se à própria natureza humana, desenvolvida a partir do andamento dos estágios psicosexuais pelos quais todo indivíduo é submetido.

## **Capítulo II**

### **A Personalidade para Carl Jung (1875 – 1961)**

Jung teve sua infância marcada pela presença de uma mãe de quem desconfiava, por causa de sua instabilidade emocional e comportamento inconstante, e pelo desapontamento com o pai, a quem considerava fraco e sem poder. Vários teóricos descrevem que Jung passava horas sozinho no sótão de sua casa, esculpindo um boneco de madeira. Em virtude desta relação com os pais, Jung “sentia-se excluído do mundo exterior, da realidade consciente” (Shultz & Shultz, 2002, p. 89). Com isso, fez a escolha de voltar-se para o seu inconsciente, caracterizado pelos seus sonhos, visões e fantasias, sendo estes elementos os orientadores de sua abordagem da personalidade humana e de toda a sua vida. A teoria de personalidade de Jung é considerada intensamente autobiográfica.

Ele graduou-se em medicina e teve a oportunidade de conviver com Freud e conhecer sua teoria de personalidade. Freud, vinte anos mais velho, encantou-se com Jung e considerava-o seu discípulo. Mas ao contrário do que esperava, Jung tinha suas próprias idéias e uma visão peculiar da personalidade humana, chegando a criticar as teorias de Freud em vários aspectos. Ele concluiu que a fase mais importante no desenvolvimento da personalidade não era a infância, como afirmava Freud, mas a meia-idade. Um outro ponto de discordância é com relação à natureza da libido, pois Jung não aceitava que a libido era uma energia sexual, mas sim uma energia de vida, ampla e indiferenciada, uma energia psíquica que alimenta o trabalho da personalidade, a quem denominou psique.

Jung utilizou idéias da Física para explicar o funcionamento da energia psíquica e propôs três princípios básicos: 1) o princípio dos opostos, que se refere ao conflito entre polaridades distintas (frio *versus* calor, altura *versus* profundidade etc), sendo este conflito o motivador do comportamento e gerador de energia – todo desejo ou sensação tem o seu oposto; 2) o princípio da equivalência, onde afirma que a energia gasta para trazer à consciência um problema não é perdida, mas sim transferida para uma outra parte da personalidade. Exemplo: se um sujeito perde o interesse por um determinado

esporte, a energia psíquica que ele investiu anteriormente nessa área é transferida para outra; e 3) o princípio da entropia, que se refere a uma tendência ao equilíbrio dentro da personalidade.

Assim como Freud, Jung também dividiu a personalidade em diferentes estruturas, a saber: o ego, o inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo. O ego é o aspecto consciente da personalidade, agindo de modo seletivo, visto que admite na consciência apenas parte dos estímulos aos quais os indivíduos são expostos. Parte da percepção consciente e da reação ao ambiente, segundo Jung, é determinada por atitudes mentais opostas de extroversão e introversão, ou seja, a energia psíquica podia ser direcionada para o mundo exterior ou internamente, para o self. Jung afirmava que apenas uma destas atitudes predominava na personalidade, apesar dos indivíduos serem capazes de apresentar as duas. Porém, Jung percebeu que nem todas as pessoas que possuíam uma mesma atitude se comportavam de maneira igual. Na tentativa de explicar as razões disto, Jung defendeu quatro funções da psique: sensação, intuição, pensamento e sentimento, sendo as duas primeiras consideradas não racionais e as últimas racionais, porém cada dupla com funções opostas entre si. Para Jung, da mesma forma que somente uma atitude é dominante na personalidade, só há uma função também predominante, estando as demais no inconsciente pessoal.

Jung propôs que a personalidade é determinada pelo que se espera ser e pelo que a pessoa foi no passado.

“Personalidade é a obra a que se chega pela máxima coragem de viver, pela afirmação absoluta do ser individual, e pela adaptação, a mais perfeita possível, a tudo que existe de universal, e tudo isto aliado à máxima liberdade de decisão própria” (Jung, 1983, p. 177).

Ele criticou Freud por enfatizar somente os eventos passados como moldadores da personalidade, excluindo o futuro. Acreditava que os indivíduos se desenvolvem e crescem independentemente da idade e que está sempre em direção a um grau mais completo de realização do *self*. “O self é o arquétipo do ego; ele é o potencial inato para a integridade, um princípio ordenador inconsciente direcionando a vida psíquica geral

que dá lugar ao ego, faz acordos com, e é parcialmente moldado pela realidade externa” (Kaplan & Sadock, 1999, p.539). O arquétipo do self representa a unidade, a integração e a harmonia da personalidade total. Para Jung, a luta pela integridade é a meta primordial da vida. A realização total do self está no futuro. É uma meta, algo para se buscar, mas que raramente é alcançado, servindo de fonte motivadora. “A personalidade, no sentido da realização total de nosso ser, é um ideal inatingível” (Jung, 1983, p. 178).

A partir das interações entre as duas atitudes e as quatro funções psicológicas, Jung propôs oito tipos de personalidade: o tipo extrovertido pensamento, o tipo extrovertido sentimento, o tipo extrovertido sensação, o tipo extrovertido intuitivo, o tipo introvertido pensamento, o tipo introvertido sentimento, o tipo introvertido sensação e o tipo introvertido intuitivo, que são descritos na Tabela 1:

Tabela 1 - Os Tipos Psicológicos de Jung:

TIPO	DESCRIÇÃO
Extrovertido pensamento	Lógico, objetivo, dogmático
Extrovertido sentimento	Emotivo, sensível, sociável
Extrovertido sensação	Extrovertido, busca o prazer, adaptável
Extrovertido intuitivo	Criativo, capaz de motivar outros
Introvertido pensamento	Mais interessado em idéias do que nas pessoas
Introvertido sentimento	Reservado, não demonstra, mas é capaz de emoções profundas
Introvertido sensação	Sem interesse pelo exterior, expressa-se em buscas estéticas
Introvertido intuitivo	Mais preocupado com o inconsciente do que com a realidade cotidiana

(Adaptado de Shultz & Shultz, 2002, p. 94)

Em contraste com o inconsciente de Freud, o inconsciente jungiano tem duas camadas, a camada mais superficial sendo o inconsciente pessoal e a camada mais

profunda sendo o inconsciente coletivo. No inconsciente pessoal existem os complexos, que

“são grupos de idéias inconscientes associadas aos eventos ou experiências particulares emocionalmente coloridos. Os complexos são também reforçados por eventos ambientais e por atenção ou desatenção seletiva e são, portanto, autoperpetuantes. Eles são dotados de energia psíquica a partir de seu tom afetivo – positivo, negativo, suave ou forte. Quanto mais intenso o complexo, maior a emoção, imagens mentais e tendência a ação” (Kaplan & Sadock, 1999, p. 538).

Os complexos são freqüentemente estimulados por interações com outros. Um complexo como “pai” pode ser estimulado por uma pessoa que simboliza um pai, como por exemplo um amigo mais velho, ou por um estímulo como a música, que pode evocar memórias do pai. Assim, o complexo, anteriormente inativo no inconsciente, vem para o consciente e tende a dominá-lo até que os estímulos relacionados a este complexo diminuam. Na teoria jungiana, o ego é um complexo, pois serve a mesma função que o ego freudiano de controlar a vida consciente e ligar o mundo intrapsíquico ao mundo externo.

O inconsciente coletivo é o resíduo do que foi aprendido na evolução da humanidade e passado ancestral. Nele, encontram-se as experiências coletivas de toda a humanidade, que se repetem através das gerações. “Nesta porção do aparelho psíquico, residem os instintos, o potencial para a criatividade e a herança espiritual” (Kaplan & Sadock, 1999, p. 539). No inconsciente coletivo existem os arquétipos, que se referem às experiências antigas que se manifestam por temas ou padrões recorrentes. São formas universais de pensamento.

As técnicas de Jung para avaliar o funcionamento da psique baseavam-se na ciência e no sobrenatural, o que resultou numa abordagem, ao mesmo tempo, objetiva e mística. Ele investigou uma série de culturas e eras e registrou seus símbolos, mitos, religiões e rituais. Elaborou sua teoria da personalidade com base nas fantasias e nos sonhos de seus pacientes (bem como nos seus próprios) e nas suas explorações de

línguas antigas, alquimia e astrologia. Seus trabalhos são, na maioria, difíceis de entender. A adoção do sobrenatural e do oculto, feita por ele, é a fonte da maioria das críticas dirigidas à sua teoria.



### **Capítulo III**

#### **A Personalidade para Hans Eysenck (1916 – 1997)**

Hans J. Eysenck nasceu em Berlim, na Alemanha, em 1916. Seu trabalho foi influenciado pelos avanços metodológicos da técnica estatística da análise fatorial, pelas pesquisas sobre a hereditariedade de Sir Cyril Burt, pelo trabalho experimental sobre o condicionamento clássico de Pavlov e pela teoria americana da aprendizagem de Clark Hull. Passou a maior parte de sua carreira no Hospital e Instituto de psiquiatria Maudsley, na Universidade de Londres, onde conduziu várias pesquisas sobre mensuração de personalidade. Na verdade, acreditava poder medir aspectos da personalidade, e não a própria personalidade:

Se a personalidade é campo de estudo caracterizado por determinado ponto de vista, é óbvio, então, que não a podemos medir, do mesmo modo que não podemos medir o universo. Tudo que podemos fazer é medir certos aspectos dela, ou do universo (Eysenck, 1974, p. 164).

Eysenck, embora apoiasse a teoria de traços, ressaltava a necessidade de desenvolver medidas adequadas para os mesmos, no sentido de evitar uma circularidade de explicações sem significado. Para isso, acreditava ser necessário desenvolver uma teoria que pudesse ser testada e estivesse aberta à prova contrária, e ainda enfatizava a importância de estabelecer as bases biológicas para a existência de cada traço. Eysenck denominava os fatores de personalidade de “processos centrais” (Eysenck, 1974, p. 163).

Ele utilizou como base para a ênfase no desenvolvimento de uma classificação de traços a técnica estatística da análise fatorial. Para ele, classificar significava atribuir traços, capacidades ou atitudes a outras pessoas, com base nas observações de seu comportamento. A partir da administração de um grande número de itens para diversos sujeitos, Eysenck analisava de que maneira as respostas dos mesmos se relacionavam. Para Pervin e John (2004), "A análise fatorial é uma técnica estatística que consegue

identificar grupos, agrupamentos ou fatores de itens relacionados", ou ainda, "é um dispositivo estatístico para determinar quais comportamentos estão relacionados, mas independentes de outros, determinando as unidades ou elementos naturais da estrutura da personalidade" (p. 193). De acordo com a teoria de traços, existem estruturas naturais na personalidade que permitem ser detectadas pela análise fatorial.

Através da análise fatorial secundária, Eysenck determinou as dimensões básicas subjacentes aos fatores de traços encontrados na primeira análise. Tais dimensões representam fatores secundários ou superfatores, que correspondem a um nível mais elevado de organização de traços do que os fatores iniciais derivados da análise fatorial. Desta forma Eysenck baseou uma teoria da personalidade em três dimensões ou superfatores, formando a teoria da personalidade de três fatores, são elas: extroversão *versus* introversão, neuroticismo *versus* estabilidade emocional, psicoticismo *versus* controle de impulso.

Eysenck foi um dos primeiros psicólogos da personalidade a se interessar pelas bases biológicas dos traços da personalidade. Ele sugeriu que variações individuais na dimensão introversão-extroversão refletem diferenças no funcionamento neurofisiológico. Eysenck estava interessado em como as pessoas extrovertidas e introvertidas poderiam diferir biológica e geneticamente. Constatou que as primeiras possuem um nível básico de excitação cortical mais baixo que o das introvertidas. Desta forma, elas precisam e buscam ativamente excitação e estímulo, em contraposição às introvertidas, que evitam tal estado, pois os seus níveis de excitação cortical já são elevados (Eysenck, 1990, citado em Schultz & Schultz, 2002, p. 273).

No que tange aos estudos sobre o neuroticismo, Eysenck acredita que o mesmo é, em grande parte, herdado. Para ele, o neuroticismo é um produto muito mais da genética do que da aprendizagem ou da experiência, manifestando em características tanto biológicas quanto comportamentais que diferem daquelas das pessoas que se situam no extremo da estabilidade emocional da dimensão do neuroticismo.

"A emocionalidade ou neuroticismo relaciona-se com a reatividade do sistema nervoso autônomo. Os indivíduos com um sistema nervoso autônomo mais instável são suscetíveis de reagir fortemente a

experiências desagradáveis ou assustadoras mediante o recrudescimento das pulsações, tensão muscular, hiperatividade das glândulas sudoríparas etc” (Peck & Whitlow, 1975, p. 74).

As pessoas com alto neuroticismo apresentam maior atividade nas áreas cerebrais que controlam a ramificação simpática do sistema nervoso autônomo. Nos neuróticos, o sistema nervoso simpático reage fortemente até mesmo a estressores leves, resultando em hipersensibilidade crônica, conduzindo a uma elevação da emoção em resposta a quase todas as situações difíceis. Para Eysenck, de acordo com Schultz e Schultz (2002), “são inatas essas diferenças em reatividade biológica referentes à dimensão do neuroticismo. Os indivíduos são geneticamente predispostos ao neuroticismo ou à estabilidade emocional” (p. 273).

No que se refere à terceira dimensão, o psicoticismo, embora se saiba menos sobre esta, as pesquisas tendem a indicar um grande componente genético. Segundo Eysenck, o grupo dos homens normalmente apresenta pontuação mais elevada que as mulheres nesta dimensão, levando-os a sugerir que o psicoticismo pode estar relacionado aos hormônios masculinos.

De modo geral, os fatores genéticos desempenham um papel fundamental em determinar a personalidade e o comportamento social. Para ele, "os fatores genéticos contribuem com dois terços da variância em importantes dimensões da personalidade" (Eysenck, citado em Schultz & Schultz, 2002, p. 198). Vale salientar que Eysenck não desconsiderava a existência de influências ambientais e situacionais sobre a personalidade, como as interações familiares na infância, mas acreditava que os seus efeitos sobre a personalidade eram limitados. Desta forma apesar de enfatizar a importância de fatores genéticos, ele foi um dos principais proponentes da terapia comportamental ou do tratamento sistemático de comportamentos anormais, de acordo com os princípios da teoria da aprendizagem.

Foi afirmado por Eysenck, que apesar do forte componente genético no desenvolvimento e manutenção de um transtorno, o neurótico por exemplo, não é necessário ser pessimista quanto à efetividade da terapia, e relata:

O fato de que os fatores genéticos desempenham um grande papel na iniciação e manutenção de transtornos neuróticos e também de atividades criminosas é muito desagradável para muitas pessoas que acreditam que esse estado de coisas leva ao niilismo terapêutico. Se a hereditariedade é tão importante, elas dizem, então, claramente, que a modificação de qualquer tipo de comportamento deve ser impossível. Essa é uma interpretação completamente errônea dos fatos. O que é geneticamente determinado são predisposições para uma pessoa agir e se comportar de uma certa maneira, quando colocada em certas situações (1982, citado em Pervin & Jonh, 2004, p.199).

Em resumo, o histórico científico de Eysenck é de modo geral relevante. Sua proposta é extremamente influente na área de testes psicológicos. O valor dos questionários e da pesquisa experimental são enfatizados por ele de maneira consistente. Sua teoria da personalidade está conectada aos métodos de mensuração, a uma teoria de funcionamento do sistema nervoso e aprendizagem, e a uma teoria associada de psicopatologia e mudança de comportamento. Para ele, fica claro que a personalidade é, em sua maior parte, determinada pela genética. Esta idéia foi incorporada pelo senso comum com grande aceitação na mídia, tendo implicações relevantes como a busca de genes causadores de padrões comportamentais complexos, podendo-se citar como exemplo a questão da homossexualidade.

## **Capítulo IV**

### **A Personalidade para George Kelly (1905 – 1967)**

George Kelly nasceu em Kansas, nos Estados Unidos. Iniciou sua carreira acadêmica no Fort Hays Kansas State College em 1930. Como havia pouca demanda para fazer pesquisas em psicologia fisiológica (sua especialidade) desenvolveu um serviço de psicologia clínica itinerante. Essas experiências clínicas influenciaram sobremaneira a natureza de sua teoria do constructo pessoal. Ele inicia sua apresentação da psicologia dos constructos pessoais afirmando que cada pessoa é um cientista, pois está sempre formulando hipóteses sobre o ambiente e testando-as na realidade da vida diária. “O homem é visto como um cientista que procura ativamente atribuir um nexa ao seu meio-ambiente. Constrói teorias, testa previsões e pondera as provas experimentais” (Peck & Whitlow, 1975, p. 49). Não há verdade absoluta ou realidade objetiva, mas apenas formas de interpretar eventos que promovem a compreensão e a capacidade de prever acontecimentos futuros. Ou seja, cada indivíduo entende o mundo em termos de construtos (conceitos) que, para ele, têm utilidade preditiva. Este é o conceito estrutural fundamental da teoria de personalidade de Kelly.

De acordo com Schultz e Schultz (2002), um constructo "é a maneira singular de um indivíduo ver a vida, uma hipótese intelectual elaborada para explicar e interpretar os eventos" (p. 341); ou segundo Pervin e John (2004), "um constructo é uma forma de construir, ou interpretar o mundo; é um conceito que o indivíduo utiliza para categorizar eventos e estabelecer um curso de comportamento" (p. 311).

Sua teoria interpreta o comportamento em termos cognitivos, rejeitando a posição  $E \rightarrow R$  por considerá-la "... insuficiente na explicação das formas mais complexas do comportamento, precisamente por não levar em conta fatores internos que, de fato, são relevantes" (Penna, 1984, p. 04). Segundo esta teoria, cada indivíduo tem uma visão singular da vida, interpretando, explicando ou construindo a realidade de maneira própria, na expectativa de que os constructos possam prever e controlar os fenômenos.

Segundo Pervin e John (2004), para Kelly, o indivíduo experimenta os eventos, interpreta-os e dá a eles uma estrutura e um significado. Ao experimentar os eventos, é capaz de distinguir similaridades e contrastes, e é exatamente essa construção de uma semelhança e um contraste que leva à formação de um constructo. Kelly refere que são necessários pelo menos três elementos para formar um constructo: dois deles devem ser percebidos como semelhantes entre si e o terceiro elemento deve ser percebido como diferente dos outros dois. Isto é, todos os constructos envolvem um contraste entre dois pólos (por exemplo, alto-baixo) e surgem quando um indivíduo percebe duas pessoas ou dois objetos como compartilhando de uma característica comum, que os diferencia de uma terceira pessoa ou um terceiro objeto que possui característica distinta dos outros dois. A essa construção dá-se o nome de constructo similaridade-contraste.

A idéia central do cognitivismo é a de que o ser humano é essencialmente um agente de suas ações, não sendo estas definidas em termos de “simples” reações ou respostas. A Psicologia Cognitiva é definida “como estudo da extração, estocagem, processamento, recuperação e utilização de informações. Sobre os processos ditos de conhecimento...” e “inclui, portanto, tópicos como o da percepção, memória, linguagem, pensamento, etc” (Penna, 1984, p. 05). Para Sternberg (2000), “...a psicologia cognitiva trata do modo como as pessoas percebem, aprendem, recordam e pensam sobre a informação” (p. 22).

Kelly, aparentemente, desenvolveu uma teoria de personalidade singular, que surgiu de sua interpretação, de seu próprio sistema de constructos e da sua prática clínica, não se baseando em outras teorias. O ser humano para ele, é um ser racional, de livre arbítrio, capaz de formar novos constructos, ou rever antigos para escolher qual direção tomar. "Somos os autores e não as vítimas do nosso destino..., vivemos por meios de constructos baseados em nossa interpretação de eventos. Portanto, é a operação dos nossos processos mentais racionais, e não os eventos específicos que influenciam a formação da personalidade" (Schultz & Schultz, 2002, p.348).

Todavia, de acordo com Kelly, esse sistema de constructos pessoais proporciona ao homem liberdade de decisão e limitação da ação – “liberdade, porque permite que ele lide com o significado dos eventos, ao invés de forçá-lo a ser impotentemente

sacudido por eles, e limitação, porque ele nunca pode fazer escolhas fora do mundo das alternativas que construiu para si mesmo" (Kelly, 1958, citado em Pervin & John, 2001, p.310).

Kelly desenvolveu o Teste de Repertório de Construção de Papéis (Teste Rep) para avaliar o conteúdo e a estrutura do sistema de constructo da pessoa. Este teste é estruturado de acordo com os papéis atribuídos ao sujeito, com a tarefa de formular um constructo de similaridade-contraste. Por exemplo, pode -se solicitar a um indivíduo que considere as pessoas indicadas para mãe, pai e amigo preferido. Ao considerar os três, o indivíduo pode decidir que as pessoas associadas aos títulos pai e amigo preferido são semelhantes por serem expansivos, e diferentes da mãe, que é retraída, construindo assim o constructo expansivo-retraído. A cada apresentação de uma tríade, o indivíduo gera um constructo. Assim, o teste Rep pode ser utilizado para determinar o conteúdo e estrutura do sistema de constructo de um indivíduo, fornecendo informações ao examinando, de como os mesmos têm organizado seus eventos passados e como antecipam o futuro. À medida que os mesmos eventos são repetidos por diversas vezes, os constructos vão se modificando, a fim de que conduzam a previsões mais exatas. Ao fazer uma escolha de um determinado constructo, o indivíduo, de certa forma, acredita estar antecipando um determinado evento. Se existirem inconsistências no sistema de constructos, suas crenças não irão se acumular; elas se anularão. Se o sistema de constructos for consistente, é feita uma previsão que poderá ser testada, sendo o constructo validado, pelo menos por certo período. Em resumo, os indivíduos buscam a validação e expansão de seus sistemas de constructos.

Vale salientar que a teoria da personalidade de Kelly tem sido vista como fenomenológica, por enfatizar a maneira como os indivíduos interpretam o mundo; existencial e dinâmica, por considerar que o indivíduo é um agente ativo em seu desenvolvimento com o mundo; e comportamental, por enfatizar coisas que as pessoas podem fazer para mudar a maneira como pensam. Isto é, em sua teoria a personalidade é desenvolvida e modificada a partir dos constructos pessoais de cada indivíduo, sendo estes constructos baseados na interpretação dos fenômenos. Para se

conhecer uma pessoa, é preciso conhecer alguns de seus constructos, podendo-se utilizar, para este fim, o Teste Rep desenvolvido por Kelly.

Embora Kelly rejeitasse qualquer rótulo particular à sua teoria, ela foi considerada principalmente como uma teoria cognitiva, devido a sua ênfase na maneira como os indivíduos recebem e processam informações sobre o mundo, e na maneira como os mesmos atribuem significado e se esforçam para prever os eventos. Entretanto, nas bibliografias consultadas, não se encontraram explicações a respeito das origens dos sistemas de constructos. Para ele, a personalidade é caracterizada pela maneira como cada indivíduo interpreta os eventos da vida, de acordo com a percepção, memória e imaginação, sugerindo uma explicação mental.



**Capítulo V**  
**A Personalidade no Behaviorismo Radical**  
**Sob a visão de Skinner (1904 – 1990)**

a) Princípios Fundamentais:

Antes de iniciar a explanação sobre o desenvolvimento da personalidade para o analista do comportamento, serão abordados alguns princípios elementares de análise do comportamento, visando facilitar a compreensão. Dentre estes princípios, será citado o conceito de contingências, de reforço e punição, de comportamento operante e do comportamento modelado por exposição direta às contingências *versus* o comportamento governado por regras.

De acordo com Souza (2001), “contingência pode significar qualquer relação de dependência entre eventos ambientais ou entre eventos comportamentais e ambientais” (p. 82). Serve para enfatizar como a probabilidade de um evento pode ser afetada ou causada por outros eventos, ou seja, qual a probabilidade de um evento ocorrer na presença ou ausência do outro. Por exemplo: João poderá ir ao zoológico **se** fizer a lição de casa. Fazer a lição de casa é o comportamento que terá como consequência a ida ao zoológico. A importância em analisar contingências é a de identificar elementos presentes em uma determinada situação, verificando a existência ou não de relação de dependência entre eles. Um analista do comportamento deve identificar contingências que estão atuando quando diante de determinados comportamentos.

O reforço é o princípio fundamental do comportamento operante, pois reforçar significa fortalecer, isto é, aumentar a frequência/probabilidade da ocorrência do comportamento. “Pavlov denominou *reforços* todos os eventos que fortaleciam um comportamento” (Skinner, 2000. p. 71). Há dois tipos de reforçadores: positivo e negativo. Ambos, quando tornados contingentes a um comportamento, aumentam a probabilidade de que este comportamento seja repetido no futuro. O reforço positivo ocorre com a apresentação de um estímulo reforçador. Por exemplo: um operador de telemarketing que trabalha realizando contato telefônico para a venda de um dado produto, pode intensificar seu trabalho se o supervisor apresentar uma campanha com

premiação para os operadores que alcançarem uma determinada meta. Neste caso, a premiação é o estímulo reforçador que aumentará a frequência de contatos telefônicos por parte dos operadores, a fim de alcançarem a meta estabelecida. O reforço negativo ocorre quando uma resposta produz a retirada ou evita a apresentação do estímulo aversivo. Pode-se exemplificar o reforço negativo, citando um exemplo simples: uma criança que apresenta baixa frequência em escovar os dentes após as refeições, pode passar a fazê-lo com maior frequência para evitar uma bronca dos pais. Já na punição, o efeito não é aumentar a frequência/probabilidade da resposta, mas enfraquecê-la ou suprimi-la temporariamente. Ela é uma das formas mais antigas de controle conhecida pelo homem. Todas as pessoas, em algum momento de suas vidas, foram criticadas por suas ações socialmente inadequadas; ou repreendidas por erros, ou receberam uma pena por infrações às regras culturais ou sociais. Entretanto, mesmo que a punição possa enfraquecer uma resposta, não a elimina permanentemente do repertório do indivíduo. A punição pode ser positiva ou negativa. Um exemplo simples de punição negativa: se um indivíduo fica preso em um elevador por algumas horas, a probabilidade de usar novamente um elevador será reduzida, uma vez que perdeu o acesso aos reforçadores que teria caso estivesse fora do elevador.

As mudanças no comportamento por causa de suas conseqüências são chamadas de condicionamento operante, usualmente conhecido como aprendizagem operante. Um comportamento operante é aquele que “opera no ambiente de modo a produzir conseqüências” (Baldwin e Baldwin, 1986, p. 08). Um indivíduo que prepara um jantar para amigos, está produzindo uma refeição que poderá gerar elogios ou críticas o que, futuramente, poderá fazê-lo repetir a ocasião de cozinhar para seus amigos ou desistir desta ação.

Uma outra forma de aprendizagem é o controle por regras. Um comportamento controlado por regras é aquele que “está sob o controle do estímulo regra, e que a regra é um certo tipo de estímulo discriminativo – um estímulo discriminativo verbal” (Baum, 1999, p. 155), que resume uma contingência. Já o comportamento modelado por contingências, envolve outra forma de aprendizagem, a qual ocorre pelo contato direto com as contingências de reforço e punição. “A expressão: *modelado pelas contingências* refere-se ao comportamento que é modelado e mantido diretamente por

conseqüências relativamente imediatas, que não dependem de ouvir ou ler uma regra” (Baum, 1999, p. 156). O comportamento controlado por regras requer o comportamento verbal de outra pessoa, enquanto que o comportamento modelado por contingências exige somente interação com contingências. Muitos dos comportamentos são, inicialmente, controlados por regras, pois são instruídos, ou seja, estão sob o controle de estímulos verbais. Por exemplo: para fazer um bolo, normalmente utiliza-se uma receita. Os comportamentos dos quais não se sabe, necessariamente, “falar a respeito”, ou descrever como foram adquiridos, são comportamentos modelados por contingências. Por exemplo, uma pessoa que saiba pintar sem nunca ter passado por um curso específico de pintura, pode simplesmente dizer que “sabe como fazer, mas não sabe dizer como o faz”. Este é um típico exemplo de comportamento modelado por contingências. Em geral o comportamento governado por regras é aprendido mais rapidamente do que o comportamento adquirido por exposição às contingências.

b) O Sistema Funcionalmente Unificado de Respostas:

No século passado, uma grande revolução na psicologia surgiu quando John Watson publicou um artigo no qual ele excluía da psicologia a mente e outros fenômenos não observáveis. Ele defendeu a inutilidade de tentar estudar a mente, o espírito ou a consciência, alegando que para se tornar ciência, a psicologia precisaria limitar-se aos eventos que pudessem ser observados objetivamente, como ocorria com as demais ciências. Ele previu que, através de observações e de experimentação sistemática, as leis e os princípios que governam o comportamento do homem poderiam ser descobertos. Após estudar as idéias de Watson e, influenciado por outros behavioristas, Skinner desenvolveu técnicas experimentais que vieram a ser adotadas por muitos psicólogos. Os primeiros trabalhos experimentais de Skinner foram realizados principalmente com pombos e ratos. Entretanto, nos últimos anos, psicólogos e outros profissionais tornaram-se cientes de que os princípios desenvolvidos por Skinner no laboratório animal aplicavam-se, em sua maior parte, também ao comportamento humano.

Como, para o analista do comportamento, a maior parte do comportamento humano é aprendida, uma compreensão da personalidade começa pela observação de *como* e *em que* condições o comportamento é aprendido. A aprendizagem envolve certas relações sob forma de leis que é preciso entender. Por este motivo, foi feita a citação inicial a respeito de alguns princípios comportamentais. No entanto, embora o comportamento possa ser submetido a leis, cada indivíduo se desenvolve sob diferente conjunto de condições ambientais. Deste modo, quando adultos, os indivíduos apresentam um tipo diferente, ou único, de conjunto de comportamentos, sob o controle de contingências atuais e específicas. Se as contingências se alteram, o conjunto de comportamentos também será alterado. A esse conjunto de comportamentos tem-se denominado, cotidianamente, personalidade. É importante ressaltar que comportamentos não envolvem apenas topografias de respostas, mas, principalmente, envolvem a sua função.

Um analista do comportamento precisa explicar o desenvolvimento de diferenças individuais a partir dos determinantes genéticos e ambientais. Segundo Buss e Kenrick (1998, citados em Pervin e John, 2004),

“muitos padrões de comportamento datam de nossa herança evolutiva e relacionam-se com genes compartilhados com membros de outras espécies. Embora, na maioria dos casos, tenhamos uma tendência a pensar sobre como os genes nos tornam diferentes dos outros, também é importante ter em mente o quanto de nossa constituição genética é compartilhada com os outros e com membros de outras espécies” (p. 28).

Assim, no nível mais básico, a maioria dos indivíduos tem dois olhos, dois ouvidos, um nariz, e assim por diante. Já os determinantes ambientais abrangem influências que os tornam muito semelhantes uns aos outros, assim como experiências que os tornam únicos. Neste aspecto, pode-se destacar a importância da cultura, que tem os seus próprios padrões de comportamentos e fatores como: a estratificação social que define papéis, deveres e privilégios; a família, socialmente considerada o fator ambiental mais importante; e as relações interpessoais.

Verdadeiramente, organismo e ambiente estão sempre interagindo, isto é, não há organismo sem um ambiente e um ambiente sem organismo. Para Skinner, esta interação refere-se a um processo inconsciente, visto que não é necessariamente observada. “As relações controladoras entre o comportamento e as variáveis genéticas e ambientais são todas inconscientes, de vez que não são observadas” (Skinner, 1974, p. 133). A grande questão é entender o processo de desenvolvimento da personalidade como resultado das interações contínuas entre o organismo e o ambiente. Ainda em Skinner (1974), “uma pessoa... é um lugar, um ponto em que múltiplas condições genéticas e ambientais se reúnem num efeito conjunto” (p. 145).

Assim, deve-se entender a personalidade como sendo determinada por vários fatores que interagem, incluindo forças genéticas e ambientais (culturais, de classe social, familiar etc), onde a genética estabelece limites de amplitude de desenvolvimento, ou seja, define um número de respostas possíveis, mas o ambiente determina o resultado específico. “Um eu ou uma personalidade é, na melhor das hipóteses, um repertório de comportamento partilhado por um conjunto organizado de contingências” (Skinner, 1974, p. 130). A personalidade é um sistema de respostas funcionalmente unificado. Isto é, os comportamentos que um indivíduo adquire em sua casa compõem uma personalidade e os comportamentos que este mesmo indivíduo adquire no trabalho compõem outra personalidade, ambas co-existindo num mesmo organismo, porém manifestando-se conforme as exigências do meio. Neste caso, a personalidade está organizada ao redor de um estímulo discriminativo, pois o organismo busca reforço em ocasiões específicas. Outras variáveis, tais como a privação ou as variáveis emocionais ou a utilização de substâncias psicoativas, também podem estabelecer diferentes tipos de personalidade, ou sistemas funcionalmente unificados de respostas. No caso da privação, como exemplo, pode-se citar um indivíduo privado de sexo que passa a perceber certos estímulos do ambiente como “apelos” sexuais, mesmo quando o contexto não apresenta qualquer relação com este tema. Uma pessoa que sofre com a perda de um ente querido e, por isso, deixa de entrar em contato com determinados reforçadores, passando a apresentar importantes mudanças no seu repertório comportamental usual. Este fato exemplifica a ocorrência de uma variável emocional. Um usuário de cocaína pode apresentar, quando sob o

efeito da substância psicoativa, comportamentos diferentes daqueles emitidos quando não está utilizando a droga. Como bem afirmou Skinner (1974), “diferentes contingências criam diferentes pessoas dentro da mesma pele” (p. 145).

Embora existam fundamentos biológicos para o comportamento, que são estabelecidos na concepção, para o analista do comportamento, a maioria das diferenças individuais emerge das diferentes histórias de desenvolvimento que cada uma teve e das contingências atuais, ao contrário do que afirmou Eysenck. Deste modo, rejeitam-se as teorias de personalidade que dão ênfase às estruturas internas, estáveis e duradouras, que levam à percepção do comportamento das pessoas como razoavelmente imutável com o tempo e através das diferentes situações. Acredita-se que mudanças nas condições ambientais, externas ou internas, bem como no organismo, modificam o modo como a pessoa se comporta. Pensar em comportamento imutável, para o behaviorismo radical, seria absurdo, visto que o comportamento é “um processo, e não uma coisa. É mutável, fluido e evanescente” (Skinner, 1998, p. 16). Falar de “natureza humana” só seria possível se o comportamento de uma pessoa pudesse ser verificado antes de ser submetida à ação de um ambiente. “... a dotação genética nada é até ter sido exposta ao meio ambiente, e a exposição a modifica imediatamente” (Skinner, 1974, p.130).

Cada indivíduo possui sua história pessoal e esta história é o fator determinante a ser considerado no estudo do comportamento humano. Deve-se considerar a hereditariedade (filogenética), o meio (as condições ambientais, sociais e culturais nas quais o indivíduo se desenvolve), e a interação hereditariedade – meio (ontogenética), observando-se as características e condições de funcionamento do indivíduo a partir desta interação.

A hereditariedade não é causa única do comportamento. Não se pode atribuir inteligência, aptidões ou as chamadas “características de personalidade” ou temperamentos exclusivamente a fatores genéticos. A hereditariedade simplesmente estabelece o limite dentro do qual um organismo poderá responder. Os genes específicos que cada indivíduo recebe de cada genitor, no momento da concepção, apenas determinam sua estrutura. A presença desta estrutura é condição necessária mas não suficiente para a aquisição e emissão de um comportamento. Ela não

assegura a ocorrência de uma resposta. A estrutura pode permitir uma enorme variedade de possibilidades comportamentais, quase sem limites, atuando como limitação ou potencialidade que permitirá ou não a aquisição de comportamentos, dependendo das contingências do meio. O meio, sob a ótica comportamental, refere-se aos estímulos atuais, externos e internos, com os quais o organismo interage e à sua história de estimulação anterior.

Como citado anteriormente, muitos estudiosos da personalidade têm tomado como evidentes os vários estudos de análise fatorial, incluindo o desenvolvimento de numerosas medidas que tentam testar comportamentos e dar uma avaliação do grau de algum traço ou grupo de traços que um dado indivíduo possui. Na verdade, traços são apenas maneiras de representar o repertório de um organismo. No entanto, para ter algum valor, eles deveriam indicar, de acordo com o objetivo da psicologia, comportamento futuro com base em medida conhecida. Skinner sugeriu que se pode prever muito melhor com base numa única resposta do que numa configuração de traços. “O fato é que podemos prever e controlar uma resposta muito mais prontamente que um traço. Uma resposta é mais fácil de definir e identificar e, sua probabilidade, varia mais sensivelmente” (Skinner, 1998, p. 219). Muitos testes de personalidade, utilizados como base para a previsão de comportamentos, são aplicados sem que se conheçam as variáveis que atuarão sobre os seus resultados. Uma expressão do “traço de dominância” pode ser dada na presença de uma certa pessoa (como estímulo) que responde de maneira submissa, mas a resposta pode ser muito diferente se emitida na presença de uma figura igualmente dominante. A dominância, portanto, depende obviamente da situação específica na qual a pessoa emite a sua resposta.

Os traços não são as causas do comportamento; são meros termos descritivos aplicados a uma classe geral de respostas que parecem ter alguma coisa em comum, mas que nada dirão a respeito da função do comportamento. Skinner (1998) diz que os nomes dos traços são iniciados como adjetivos, do tipo: inteligente, extrovertido, sagaz, que originam substantivos que acabam, por fim, tornando-se coisas que causam os comportamentos.

... começamos observando uma preocupação com o espelho que lembra a lenda de narciso; inventamos o adjetivo ‘narcisista’, e então o substantivo ‘narcisismo’; e finalmente afirmamos que a coisa a que presumivelmente o substantivo se refere é a causa do comportamento com o qual começamos” (Skinner, 1998, p. 220).

Uma análise funcional do comportamento reconhece as limitações do conceito de traço e deve considerar uma resposta específica do indivíduo que se comporta para, então, a partir das variáveis reconhecidas pelo analista, prever que história de reforçamento e punição levou à emissão daquela resposta. “Algumas diferenças são devidas a diferenças nas variáveis independentes às quais as pessoas estão expostas. Ainda que possamos nos surpreender pelo efeito sobre o comportamento, a individualidade original reside fora do organismo” (Skinner, 1998, p. 213).

No estudo da personalidade, o enfoque mais popular e que mais tem influenciado o pensamento dos estudiosos é o da psicanálise, representado pelas idéias de Freud, já citadas neste trabalho. Não existem dúvidas acerca do gênio de Freud - pode-se concordar ou não com as observações e interpretações da psicanálise, mas sua influência não pode ser negada. Entretanto, alguns conceitos freudianos são cientificamente controversos; outros, se interpretados numa perspectiva analítico-funcional, podem ser válidos e úteis. Uma das dificuldades básicas da teoria de Freud é a falta de fidedignidade dos dados, pois baseou sua teoria nas observações que ele mesmo fazia das pessoas, na associação livre de pessoas diagnosticadas como neuróticas e no relato de seus sonhos. Suas hipóteses e conceitos, tais como o ego, superego e a energia psíquica, são difíceis de serem testados empiricamente, o que contribui para o surgimento de críticas e questionamentos a respeito de seu valor de predição.

Entretanto, interpretados sob a ótica comportamental, tais conceitos podem ser úteis uma vez que representam, na verdade, três conjuntos de contingências comuns para as pessoas que vivem em sociedade, a saber: o id, como sendo a disposição inata do organismo a ser reforçado por determinados eventos, sempre conflitando com os interesses dos outros - a “luta pela sobrevivência da espécie” refere-se a esta



disposição, tão presente e amplamente divulgada na teoria de Darwin; o superego, como o produto das práticas punitivas da sociedade, na tentativa de suprimir os comportamentos egoístas – pode ser representado pelas leis, que são estabelecidas para que as normas sociais e culturais sejam obedecidas e; o ego, representando o comportamento modelado que ora tende ao reforço e ora sofre punições sociais – pode-se citar o indivíduo que rouba e sofre as sanções legais. Isto é, “os três eus ou personalidades do esquema freudiano representam características importantes do comportamento em um meio social” (Skinner, 1998, p. 311).

O problema é que, quando não se pode mostrar os eventos responsáveis pelo comportamento do homem, ou seja, as variáveis externas, tende-se a atribuí-los a causas internas. Daí a idéia de que a personalidade é a responsável pelo comportamento do homem, pois se este é um delinqüente, poderá ser classificado como portador de uma personalidade psicopata, e assim por diante. O que o behaviorismo radical rejeita é a idéia de personalidade como agente causador de comportamento, devendo ser compreendida apenas como um nome que resume um repertório individual, portanto único, de comportamentos, em sua maior parte aprendidos.

Segundo Ortega y Gasset (1914), “Yo soy yo y mi circunstancia, y si no la salvo a ella, no me salvo yo” <sup>1</sup>(p. 322). Oportuna frase deste autor que resume a crença do behaviorismo radical, onde o “eu” representa o organismo, e as “circunstâncias” representam o meio (ambiente), passado e presente. Certamente, para o behaviorismo radical, o homem se faz a partir da dinâmica interação com o seu ambiente, sem a qual não poderia comportar-se e, tão pouco, existir.

---

<sup>1</sup> “Eu sou eu e minhas circunstâncias, e se a ela não salvo, também não me salvo”.

## Conclusão

O Behaviorismo radical é filosofia da ciência psicológica, que sustenta ser possível chegar às raízes do comportamento humano, deixando de lado a distração pelo superficial. Muitos teóricos, seguidores de outras escolas, tentaram explicar a personalidade classificando-a como algo estático, cristalizado em determinado período do desenvolvimento humano. Outros, classificaram-na como tipos ou características inatas, determinados geneticamente, negligenciando as histórias ambientais e o cenário atual. E, outros ainda, escolheram o caminho do sobrenatural, preferindo atribuir o comportamento humano a causas de difícil explicação, possivelmente pelo forte atrativo que as causas internas ou “mágicas” ainda exercem no mundo.

Nem sempre é possível observar as contingências que estão atuando em determinado momento. Porém, o fato de não se poder observá-las, não invalida sua existência e seu controle sobre o comportamento. O conhecimento que se tem de outro indivíduo é limitado pelo pequeno acesso que se tem às contingências que controlam seu comportamento, devendo-se considerar o patrimônio genético, a história ambiental e o cenário atual. Estes fatores, quando analisados, podem aproximar-se de uma explicação compreensiva do comportamento humano.

Testes e outras medidas tradicionais de aspectos do comportamento são utilizadas com objetivos diagnósticos, a fim de classificar (estigmatizar) os indivíduos. Entretanto, esta classificação pouco ajudará se não se buscar compreender o indivíduo a partir de sua interação dinâmica com o ambiente, contextualizando suas respostas. Avaliar fatores topográficos isoladamente não trará respostas úteis, visto que impossibilitam o controle do comportamento.

A proposta da análise do comportamento é entender os eventos causadores e mantenedores do comportamento, a partir da história de reforçamento ou punição sofrida pelo indivíduo. Isto é, a partir das contingências. “O behaviorismo radical enfatiza o contexto e significado. Tire algo do seu contexto e ele perderá o seu significado. Ponha este algo em um novo contexto e ele significará outra coisa” (Kohlenberg e Tsai, 2001, p. 04).

Por isso, não se pode entender a personalidade como uma coisa estática, mas sim como a representação de um repertório comportamental, desenvolvido a partir de uma história pessoal em resposta aos estímulos do meio, passados ou presentes. Se as contingências são mutáveis, o comportamento também o será. Deve-se procurar entender a relação existente entre o comportamento e as variáveis que estão atuando no meio, papel este desempenhado pelo analista do comportamento através da análise funcional.

Conclui-se, portanto, que para o behaviorismo radical é possível se ter uma definição útil sobre a personalidade, se esta for entendida como um sistema funcionalmente unificado de respostas, construído a partir das freqüentes relações entre o organismo e o meio. Ainda assim, é preciso compreender que o comportamento humano é assunto extremamente difícil, não só porque muitas vezes é inacessível, mas por ser extremamente complexo. Deste modo, exigirá dos analistas do comportamento muita habilidade, atenção e empenho em seus estudos.

### Referências Bibliográficas

BALDWIN, J. D. & BALDWIN, J. L., Behavior Principles In Everyday Life. 1986.

BAUM, W. M., Compreender o Behaviorismo. Ed. Artmed. Porto Alegre, 1999.

D'ANDREA, F.F. Desenvolvimento da Personalidade: Enfoque Psicodinâmico. Ed. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro, 2000.

EYSENCK, H.J. Senso e Contra-Senso na Psicologia. IBRASA. São Paulo, 1974.

FERREIRA, A. B. H., Mini Aurélio Século XXI. Ed. Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 2000.

ORTEGA Y GASSET, J. Meditaciones Del Quijote - Obras Completas. Vol. 1. Ed. Revista del Occidente. Madri, 1914.

JUNG, C.G. O Desenvolvimento da Personalidade. Ed. Vozes. Petrópolis, 1983.

KAPLAN, H.I. & SADOCK, B.J. Tratado de Psiquiatria – Vol.1. Ed. Artmed. Porto Alegre, 1999.

LUNDIN, R.W. Personalidade. Ed. EPU. São Paulo, 1977.

PECK, D. & WHITLOW, D. Teorias da Personalidade. Ed. Zahar. Rio de Janeiro, 1975.

PENNA, A.G. Introdução à Psicologia Cognitiva. Ed. EPU. São Paulo, 1984.

PERVIN, L.A & JOHN, O.P. Personalidade – Teoria e Pesquisa. Ed. Artmed. Porto Alegre, 2004.

SHULTZ, D.P. & SHULTZ, S. E., Teorias da Personalidade. Ed. PioneiraThomson. São Paulo, 2002.

SKINNER, B. F. Sobre o Behaviorismo. Ed. Cultrix. São Paulo, 2004/1974.

SKINNER, B.F. Ciência e Comportamento Humano. Ed. Martins Fontes. São Paulo, 2000/1953.

SOUZA, D.G. O que é Contingência, in Banaco, R. A. (org.), Sobre Comportamento e Cognição, Vol. I, Ed. ESETec. Santo André, 2001.

STERNBERG, R.J. Psicologia Cognitiva. Ed. Artmed. Porto Alegre, 2000.